

PROCESSOS ASSIMILATÓRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

*Célia Helena Pelegrini Della Múa**
*Laurindo Dalpian***

A partir da apresentação das diversas teorias lingüísticas sobre evolução e variação lingüística, acompanhando seu processo histórico de desenvolvimento, e levando em conta, principalmente, os comparatistas e neogramáticos na perspectiva histórica, e os dialetólogos e sociolingüistas na perspectiva descritiva, mostra-se a força criadora e renovadora na vida de uma língua. Do mesmo modo, analisando-se e descrevendo-se o metaplasmo de assimilação dentro de uma perspectiva diacrônica e sincrônica, pode-se concluir que os processos assimilatórios exerceram um papel muito importante na formação e transformação da língua portuguesa e na existência de numerosas variantes, tanto em nível dialetal como socioletal.

* Coordenadora do curso de Letras do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (RS).

** Professor do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (RS).

O processo de assimilação em palavras da língua portuguesa, numa perspectiva diacrônica, pode ter seu início fixado na fase pré-histórica, com o latim vulgar, e, numa perspectiva sincrônica, é facilmente verificado a partir da realidade das linguagens populares, especialmente do Brasil. Nosso procedimento de juntar os estudos sincrônicos aos diacrônicos, comparando presente e passado, tem como objetivo principal facilitar a compreensão dos fenômenos que ora nos propomos estudar, isto é, os fonéticos e os fonológicos. Enquanto diacronicamente é possível visualizar a evolução da língua, de seu passado latino para seu estado atual, num processo que acompanha a linha do tempo, o mesmo não se pode dizer dos fatos sincrônicos, isto é, não se pode afirmar categoricamente que as variantes dialetais se originaram da língua padrão ou que as formas padrão se originaram de variantes dialetais. Cada caso precisa de uma análise particularizada, cada palavra tem sua história, mesmo que se possam verificar tendências gerais de evolução. O fato é que toda língua muda e varia. Nesse sentido, levando-se em conta as mudanças, é costume periodizar a língua portuguesa em fases pré-históricas, proto-históricas e históricas. E quanto às variações, são destacadas as geográficas ou diatópicas (gaúcho, mineiro, caipira, carioca, nordestino etc.), socioeconômicas (classes A, B, C etc.), etárias (crianças, jovens, velhos), étnicas (índios, negros, europeus), de sexo (homens, mulheres), instrucionais, urbanas, rurais. Para efeitos deste trabalho, na visão sincrônica, tomou-se como referencial a forma padrão da língua portuguesa, a partir da qual são balizadas as variantes populares do Brasil.

A lingüística histórica já tem como realidade empírica o fato de que a linguagem muda com o passar do tempo (diacronia), enquanto a dialetologia e a sociolingüística levam em consideração a geografia e a sociedade, respectivamente, no estudo das variedades lingüísticas, da variação ou dos diferentes usos que podem ser observados hoje (sincronia).

A antiguidade greco-latina também já se preocupou com os estudos da linguagem, vinculando-os à filosofia, a qual forneceu os princípios fundamentais das bases modernas da ciência lingüística. É bem verdade que existe nas tendências atuais um afastamento cada vez maior das noções tradicionais, contudo os conceitos e as classificações básicas continuam ainda válidos. A lingüística, nas suas diversas modalidades, procura evidenciar os princípios fundamentais de como se organiza e funciona a linguagem humana. Nesse sentido é uma ciência recente.

A abordagem das mudanças e das variações lingüísticas pode ser feita em diversos níveis de análise. Neste trabalho consideraremos o nível fonético-fonológico da língua portuguesa, o sincrônico e o diacrônico. A fo-

nética e a fonologia são áreas de análise lingüística que têm como objeto de estudo os sons da fala. São ciências que se relacionam, por terem o mesmo objeto, mas ele é tomado de diferentes formas. Enquanto a fonética se preocupa com a produção dos sons da fala como entidades físico-articulatórias isoladas, a fonologia trata dos sons da fala do ponto de vista funcional. Dessa forma a fonética é a ciência que vai descrever, classificar e transcrever os sons da fala humana e a fonologia vai analisar as diferenças fônicas, considerando a significação dessas diferenças, estabelecendo relações entre os elementos de diferenciação e verificando as possíveis combinações que permitem formar morfemas, palavras e frases.

Essas ciências têm sido consideradas como interdependentes, uma vez que o estudo fonético, puramente descritivo, sem levar em consideração o aspecto formal dos sons da fala, é considerado pouco produtivo. No entanto, para qualquer estudo fonológico é indispensável o levantamento fonético-articulatório a fim de que se saiba quais são as unidades distintivas de uma língua qualquer. Por fim, é importante ressaltar que a fonética tem como unidade de estudo o som da fala enquanto a fonologia tem como unidade o fonema.

A partir do aparato teórico-prático dessas ciências, é possível estabelecer diferenças fônicas de qualquer língua. Um exemplo é a variação dialetal no português do Brasil da lateral palatal /λ/ que pode variar entre [λ], [lj] e [Y], dependendo do contexto onde a mesma é utilizada. Ou, ainda, a velarização do "l" pós-vocálico (/l/ - [l]/- [□] ou [w], marcando uma variação dialetal.

Com relação à evolução fonético/fonológica, que as línguas passam por constantes transformações já é um fato cientificamente consolidado. O conjunto das variedades pode ser facilmente constatado pela existência dos numerosos dialetos, socioletos e gírias, dentro de uma perspectiva sincrônica, e pela diversidade dos textos existentes desde o latim vulgar até a atualidade, onde se pode constatar a evolução lingüística em todos os níveis. As mudanças e variações fonéticas ou fonológicas podem ser englobadas sob o nome de metaplasmos, com o que se designam as alterações que adicionam, subtraem, trocam ou transpõem fonemas nas palavras. Tais evoluções seguem princípios lingüísticos gerais como: menor esforço, economia lingüística, analogia. Lei fonética não é mais hoje uma denominação aceitável, porquanto a língua não se rege por princípios como os das ciências naturais, fixos e estáveis, mas por tendências mais ou menos gerais. Não se pode, porém, negar que não seja possível, a partir dessas tendências, organizar uma ciência lingüística sobre a evolução fonética, como o fizeram muito bem os neogramáticos em fins do século XIX. Por outro lado, deve-se levar

em conta que a história das palavras depende muito do impulso criador do indivíduo, o qual, por sua vez, está situado dentro de um contexto espacial, social e cultural, que acaba interferindo decisivamente sobre a criação. Há, ainda, a precariedade do veículo de comunicação, que não possibilita uma reprodução fiel das mensagens, bem como as analogias e semelhanças que acabam por desviar do que poderia ser a direção natural da evolução.

Dentro desse contexto, pode-se, com Coutinho (1976), afirmar que as transformações fonéticas são inconscientes, graduais e constantes, isto é, não dependem da vontade dos falantes, acontecem dentro de um processo que leva séculos e procedem com certa regularidade. Ainda em Coutinho (1976) podem-se citar as seguintes leis fonéticas: a) lei do menor esforço, que contribui para facilitar aos órgãos fonadores a emissão de fonemas; b) lei da permanência da consoante inicial, que se impõe ao campo das consoantes mediais e finais, provocando sua queda ou alteração; c) lei da persistência da sílaba tônica, que, apesar de tantos séculos de transformações, chega praticamente intacta até os dias atuais. O que existe, na verdade, é uma grande quantidade de leis, ou melhor, de tendências que podem ser observadas na história das palavras, incluindo-se os próprios metaplasmos.

Entrando pelo campo das teorias lingüísticas, pode-se dizer que nos tempos modernos, especialmente nos séculos XVIII e XIX, houve como que uma febre pelos estudos evolucionistas. As teorias defendidas por Darwin e Spencer para a evolução das espécies foram, num primeiro momento, aplicadas também para a linguagem. A corrente que preponderou foi a comparação das línguas e sua classificação a partir das semelhanças existentes entre elas. A procura da proto-língua deu, aos estudos lingüísticos, um grande impulso e novas direções. Enquanto biólogos e paleontólogos estavam empenhados na busca do ancestral da espécie humana, os lingüistas dedicavam-se à procura da ancestral das línguas, a língua-mãe. Se de um lado as descobertas de fósseis repercutia no mundo das ciências biológicas, de outro as reconstruções de línguas contracenavam com igual entusiasmo. Por consequência, começou também, nessa época, a delinear-se o estudo histórico que, junto com a corrente comparatista, ganhou forças e se impôs.

Uma voz que propalou abordagens diferentes foi a de Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Desenvolveu ele uma visão mais filosófica, ao dizer que a linguagem está intimamente ligada à atividade do pensamento humano e, através de uma orientação psicológica, pode ser apenas estudada como fenômeno da história da humanidade. Há nele um paralelismo de pensamento e de língua, uma ligação muito estreita entre o modo de pensar e o modo de falar de um povo. O espírito seria a língua e a língua seria o espírito. Não há como separar pensamento e linguagem. Nesse sentido observa

que há diversos povos com línguas diversas, e isso se deveria às mentalidades que variam de povo para povo. Se as línguas variam e evoluem no tempo, é que as mentalidades evoluem também. Os sujeitos falam de acordo com sua interpretação e compreensão do mundo. Portanto, línguas diversas equivalem a mundos diferentes e a diferentes sistemas de pensamento. Observando diretamente algumas línguas exóticas, Humboldt procurou ver a natureza e o mecanismo da linguagem, antecipando os fundamentos de seu estudo descritivo. Em resumo, para ele, a língua é uma atividade incessante do pensamento humano (aspecto psicológico), é uma série de atos de fala, um processo dinâmico. É uma contínua criação de cada falante, refletindo a psique do povo que a fala. É o canal natural pelo qual um povo chega a compreender o universo, e mesmo a organizar o mundo dos objetos, a vida espiritual e a visão da realidade.

August Schleicher (1821-1868), um expoente da erudição lingüística da primeira metade do século XIX, enveredou pela teoria do biologismo lingüístico. Estudioso de botânica, aplicou a orientação das ciências naturais à lingüística, no intuito de torná-la uma ciência rigorosa como as ciências da natureza. Foi uma época em que as teorias evolucionistas gozaram do mais alto prestígio. Com Darwin, as ciências naturais ampliaram seu foco de mera descrição da natureza para uma história da natureza, caminho que a lingüística seguiu ao se preocupar com conceitos como evolução. O conceito darwiniano de evolução foi aplicado à ciência da linguagem. Assim sendo, defendeu ele a idéia de que uma língua é como um organismo vivo que nasce, cresce e morre, sofrendo uma evolução natural. A língua, então, depende dos traços físicos dos pensamentos e órgãos da fala. É comparável a uma planta ou a um animal. As línguas seriam produto da ação de um complexo de substâncias naturais que agem no cérebro e no aparelho fonador. Seu estudo foi, antes de mais nada, uma abordagem indireta a esse complexo de matérias. A diversidade das línguas, então, depende da diversidade de cérebros e órgãos fonadores, de acordo com as raças humanas.

Merece destaque o trabalho de Schleicher na tentativa de reconstruir a proto-língua, o indo-europeu (Indogermanischen Ursprache), e na classificação das línguas indo-européias, à semelhança de uma árvore genealógica. Teríamos, assim, uma língua-mãe, da qual surgiriam línguas-ramo e, dessas, ramos menores que, por sua vez, se bifurcam em dialetos. Dessa forma, pode-se resumir as três idéias básicas de Schleicher: a) a língua é um organismo natural e, como tal, deve ser estudado; b) sofre evolução de acordo com o sentido darwiniano e não é um aspecto da história; c) depende dos traços físicos dos pensamentos e órgãos da fala.

As conclusões de Schleicher são incompletas, mas têm o mérito de

fundamentar discussões posteriores. De Bopp ampliou a idéia de ver a palavra primitiva como raiz pura. Deve ter havido um estágio primeiro em que a raiz era uma palavra e as funções sintáticas dependiam da posição da palavra. Dessa forma esse primeiro estágio seria o das línguas isolantes. Em seguida, elementos formais eram ligados à raiz, que permanecia invariável, como é o caso das línguas aglutinantes. Num terceiro momento, os elementos formais eram assimilados juntos e a raiz adquiria a capacidade de modificação interna. É o estágio das línguas flexionais. Havia uma evolução do primeiro ao último estágio, irreversível como uma planta. As línguas flexionais teriam sido a mais alta realização da linguagem.

Na trilha do positivismo, inaugurado por Augusto Comte (1798-1857), a lingüística pretendia tornar-se uma ciência exata. O século XVIII, com o empirismo triunfante, desembocou no cientificismo, considerando a ciência como único conhecimento possível e o método das ciências da natureza, o único método válido. Refutavam-se, dessa forma, os estados teológico e metafísico em favor do positivo, que representaria o estado de maturidade do espírito humano (o estado da realidade, da precisão, da certeza). O que vale são os fatos observados.

Uma corrente teórica que influenciou bastante o estudo da história das línguas foi a dos neogramáticos, movimento inaugurado por Brugmann e Osthoff, que se insurgiram contra a síntese do biologismo lingüístico. A preocupação deles se firmou na idéia de estudar a língua pela língua e descobrir nela relações e leis de desenvolvimento, numa busca meticulosa de princípios constantes ou leis fonéticas. A parte mais estudada foi, de fato, a fonética. No campo dos sons os neogramáticos fizeram um grande trabalho. Como os cientistas se preocupam em descobrir as leis, em reduzir o saber a uma espécie de mecanismo, assim também os neogramáticos deram às leis lingüísticas um valor preciso e científico que as assimilou às leis estabelecidas pelas outras leis da natureza. A sua orientação foi definida por fatos de ordem mecânica que estariam na base da linguagem. Esses fatos seriam rígidos por um determinismo rigoroso e estudados graças à constatação empírica.

Essas leis fonéticas vieram, na época, substituir os estudos sobre as antigas regras da gramática clássica e não admitiam exceção. Determinariam elas as evoluções dos sons de uma língua ou de um grupo de línguas, quando submetidas a certas condições, rigorosamente estabelecidas. Caso a lei fonética não se realize, é porque houve um fator de perturbação, a analogia. Assim sendo, com os neogramáticos, em lugar da biologia, entrou a física: maior precisão e rigor. As transformações são inconscientes e, como o fenômeno físico, não dependem da vontade. Essas características, então, marcaram o historicismo em lingüística.

Hermann Paul afirmava, por exemplo, que a ciência da língua é a história da língua. São leis do produto e não do produzir-se. Mais do que uma ciência tornou-se um método, histórico. Mas ligado a uma teoria que, focalizando na linguagem, como base, o material sonoro, fez da lingüística uma ciência física. O método histórico, na verdade, deu um grande incremento ao estudo das línguas. Os pontos fracos, porém, que se poderia considerar com relação aos neogramáticos são: em primeiro lugar, a construção sobre as línguas de uma teoria científica de caráter físico e, em segundo lugar, os termos “lei fonética”.

A reação aos neogramáticos não se fez esperar. Com relação à evolução fonética, Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907) (Câmara Jr., 1979; Jordan, 1982) teve importante contribuição no sentido de rever posicionamentos dos neogramáticos e dos biólogos lingüísticos. Dialectólogo e comparatista, tornou-se um adepto da teoria neogramática nos seus traços essenciais. Afirmava ele que a concepção das leis fonéticas era uma velha idéia em lingüística e estava no cerne de sua própria doutrina antes dos neogramáticos, divergindo deles, porém, nas causas fisiológicas e psicológicas que eles atribuíam à regularidade da mudança fonética.

Tal causa estaria na mescla de populações, resultado da conquista. É a teoria do substrato. A língua vencedora mudou sua pronúncia na boca dos vencidos, em função de hábitos articulatorios anteriores. Dessa forma Ascoli explicava a evolução fonética. Os traços do substrato subsistem na língua imposta, especialmente na pronúncia. Vê-se, então, que no latim não estão agindo forças internas (organismo), mas forças externas, históricas (por ex.: a língua celta sobre a língua francesa). A teoria do substrato pode também ser aplicada para os conquistadores indo-europeus, análoga aos conquistadores romanos e a muitas outras situações na história das línguas.

Ascoli contestou a psicologia (analogia) dos neogramáticos, não aceitando a justificativa embasada nas exceções. Mostrou e provou que um dado som ou grupo de sons pode ter soluções divergentes na mesma língua ou no mesmo dialeto, e procurou as causas de tais divergências. Se não conseguisse encontrá-las, concluíu que a palavra ou série de palavras em questão não tinha a base etimológica que lhe fora atribuída, isto é, só não foi possível encontrar a razão de sua evolução fonética especial. Afirmava que um mesmo som pode evoluir de modo diferente duma palavra para outra, porque as condições em que cada uma se encontra não são idênticas. Mais tarde Gilliéron diria que todo vocábulo tem sua própria história.

A teoria da mescla da linguagem foi mais amplamente desenvolvida por Hugo Schuchardt (1842–1927) (Câmara Jr., 1979; Jordan, 1982), com que são explicados muitos pontos acima relacionados. Em seus ensaios e

monografias, via a linguagem como resultado de um processo de mistura: de formas de um falante para outro, dentro da mesma língua; de maneiras de falar local ou até de línguas diferentes. Via toda língua como língua misturada, de tal forma que não existiria nenhuma língua completamente pura. Daí seu ceticismo com relação à classificação genealógica das línguas. Para confirmar sua teoria analisou cruzamentos étnicos, mudanças de grupo social e a imitação. Dessa forma acentuou mais a diferença antes que a unidade: cada pessoa é única e cada forma de linguagem também é única. Alguns estudiosos consideram Schuchardt como fundador da sociolinguística, embora não tenha construído uma teoria capaz de inaugurar uma nova linguística. Deixou, porém, inúmeras observações esparsas. Grande pesquisador, estudou os mais variados assuntos. Foi opositor da teoria neogramática sobre leis fonéticas. Contestou a visão genealógica, preferiu estudos etimológicos e dialetológicos, defendendo a teoria da transformação das línguas segundo a sua situação geográfica.

Na língua, ainda na esteira do pensamento de Schuchardt, não se trataria com leis cegas como na natureza; as normas linguísticas não são absolutas. Há múltiplas limitações tanto no espaço como no tempo. No mesmo espaço e no mesmo tempo uma lei fonética tem desenvolvimentos diferentes. E maior ou menor frequência de uso do material linguístico. Afirmava que toda mudança linguística deve ser vista numa relação constante com o pensamento individual do falante e não pode ser atrelada a uma lei que governa, de fora, a fala do indivíduo, como estava implícito na concepção neogramática de lei fonética. Para ele a mudança fonética é o resultado de uma série de processos analógicos pelos quais o falante associa estruturas fonéticas e faz inovações sob um impulso momentâneo e arbitrário. Não existe, portanto, uma mudança fonética sistemática.

Dizia ainda que as mudanças linguísticas se difundem de indivíduo para indivíduo, e as várias características se espalham em várias direções, em momentos e modos diversos, de maneira que não é fácil fixar os confins de um dialeto. Não há fronteiras linguísticas entre dialetos, nem fronteiras temporais entre fases sucessivas. A passagem é imperceptível. Não é possível fixar onde um dialeto acaba e outro começa. Contestava, assim, a idéia de dialetos coerentes dos neogramáticos: o que se diz dialeto compreende formas novas e velhas ao mesmo tempo. Não há um modelo pré-existente segundo o qual todos os membros de uma comunidade alteram sua linguagem. A linguagem não é um organismo, mas apenas uma generalização grosseira, que não corresponde exatamente à realidade: nós nos deparamos somente com atos concretos de fala, dependentes da atividade mental do falante, num momento dado e sob estímulos exteriores.

Schuchardt deu maior atenção aos aspectos individuais e sociais da linguagem. A língua regula-se tão somente por leis sociológicas, mais exatamente pelos efeitos que estas têm sobre os indivíduos falantes: o eixo, então, é o indivíduo falante. Nas línguas há estilos individuais, que se espalham com o tempo e se generalizam por imitação. As inovações lingüísticas, portanto, são produtos dum sujeito falante, dependem de suas particularidades psicofisiológicas: temperamento, cultura, idade, sexo. Numa comunidade lingüística ou num dialeto, então, há inúmeras línguas individuais que variam conforme essas particularidades psicofisiológicas. A linguagem não é o objeto dos neogramáticos; não existe linguagem, mas pessoas que falam; as variações são infinitas e as várias categorias (língua, dialeto, falar etc.) são todas abstrações, ou seja, conceitos relativos. Esses modos de falar influenciam-se mutuamente, mas sem anular as diferenças. As transições de uns para outros são lentas e quase imperceptíveis, devido às relações entre os indivíduos.

O embasamento teórico acima exposto tem tudo a ver com os processos assimilatórios verificados na história da língua portuguesa, uma vez que a assimilação se enquadra nas teorias da mudança e da variação.

Essas transições, no campo fonético-fonológico, designam-se costumeiramente, como já mencionado, de metaplasmos. São mudanças que ocorreram nas palavras ao longo de sua cadeia evolutiva, fruto de um processo histórico e que continua a fazer história, visto que a língua é uma atividade incessante.

Na perspectiva sincrônica, as variantes não podem ser consideradas erros com relação à forma padrão. Nesse sentido diz Bagno (2000, p. 35) que *tudo aquilo que é considerado erro no PNP (português não padrão) tem uma explicação científica, do ponto de vista lingüístico ou outro, lógico, pragmático, psicológico...* Ressalva, por outro lado, que erros seriam considerados os problemas físicos de fonação e audição e não os da linguagem propriamente dita. A própria criança no processo de aquisição da linguagem apresenta situações concretas que fogem à generalização. Portanto, é válida a idéia de se considerar as variantes lingüísticas das linguagens populares dentro de um contexto de bilingüismo ou plurilingüismo.

Os metaplasmos, em geral, são classificados em quatro tipos: permuta (transformação ou troca), adição (aumento), subtração (diminuição) e transposição (deslocamento). Permuta é um processo em que um fonema se transforma em outro fonema (sonorização, ensurdecimento, ditongação, monotongação, nasalação, desnasalação, palatização, despalatização, assibilação, apofonia, matafonia, vocalização, consonantização, assimilação, dissimilação e outros). Dá-se o processo de adição quando uma palavra

vem acrescida de um ou mais fonemas, recebendo os nomes de: prótese, se o fonema for adicionado no início da palavra; epêtese, se no meio, e paragoge, se no fim. A subtração acontece quando as palavras perdem fonemas, denominando-se: aférese, se a queda ocorrer no início da palavra; síncope, se no meio, e apócope, se no fim. A transposição refere-se ao deslocamento de fonemas ou de acentos dentro da mesma palavra. Chama-se metátese o deslocamento de fonemas dentro da mesma sílaba ou de uma sílaba para outra (essa segunda situação recebe também o nome de hipértese). Já o hiperbismo refere-se à transposição do acento tônico, chamando-se diástole, se a transferência ocorrer de uma sílaba anterior para a posterior, e sístole, se de uma sílaba posterior para a anterior.

Nosso estudo restringe-se ao metaplasmo de assimilação. Essa escolha justifica-se pelo valioso material encontrado nas diversas bibliografias e no português do Brasil, especialmente nas variantes populares.

A assimilação, então, vem a ser a passagem de um fonema em igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra. Assimilador é o fonema que provoca todo o processo de identificação ou de assemelhação, enquanto o assimilado é o fonema que sofre o processo de transformação. A assimilação é um tipo muito freqüente de modificação sofrida por um fonema em contato com um fonema vizinho, o que é devido ao fato de as duas unidades em contato terem traços articulatórios comuns. Essa modificação pode corresponder a uma adaptação antecipada dos órgãos fonadores para a pronúncia de um fonema que segue. Pode corresponder, ao contrário, a um atraso no abandono da posição dos órgãos fonadores correspondentes à pronúncia do fonema precedente. A assimilação é dupla quando o fonema é modificado ao mesmo tempo pelo que o precede e pelo que o segue. Cabe ressaltar que a assimilação desempenha um papel importante não só na evolução das línguas, mas também no processo explicativo das variedades contemporâneas.

A assimilação é classificada em:

a) Vocálica: quando o fonema assimilado é uma vogal. Ex.: *paomba* > *poomba* > *pomba*, *maiore* > *maor* > *moor* > *mor*; *calente* > *caente* > *queente* > *quente*, *novacula* > *novacla* > *navalha*.

b) Consonantal: quando o fonema assimilado é uma consoante. Ex.: *persona* > *pessõa* > *pessoa*, *verlo* > *vello* > *vê-lo*, *ipse* > *isse* > *esse*, *reversu* > *reverso*.

c) Total: quando o fonema assimilado se identifica com o assimilador. Ex.: *per* + *lo* > *pello* > *pelo*, *adverso* > *avesso*, *persico* > *pessico* > *pêssego*.

d) Parcial: quando não há perfeita identidade entre assimilado e

assimilador, mas somente uma semelhança, aproximação ou acomodação. Seguindo o triângulo das vogais, um “a”, por exemplo, se transforma em “e” ou “o”, ocasionando respectivamente um fechamento ou uma aproximação das vogais fechadas “i” ou “u”: Ex.: *auro* > *ouro*, *primario* > *primairo* > *primeiro*, *thesauru* > *tesouro*, *lauru* > *louro*, *raucu* > *rouco*. Entre consoantes: *comite* > *comte* > *conde*. O “m”, que é sonoro, interfere no fonema surdo “t”, transformando-o em “d”.

e) Progressiva: quando o fonema assimilador vem antes do fonema assimilado. Ex.: *salnitre* > *sallitre* > *salitre*, *amam-lo* > *amam-no*, *nostru* > *nosso*, *vestru* > *vosso*, *molinario* > *molnario* > *mollairo* > *moleiro*, *elemosyna* > *esmol(y)na* > *esmolla* > *esmola*, *ferse* > *ferre*, *velse* > *velle*.

f) Regressiva: O fonema assimilador vem depois do assimilado. Ex.: *persico* > *pêssego*, *captare* > *cattar* > *catar*, *ipsa* > *essa*, *com + labor* > *collaboro*, *dis + fero* > *differo*, *versoria* > *vassoira* ou *vassoura*, *mirabilia* > *maravilha*.

g) Contígua: quando os fonemas assimilador e assimilado estão vizinhos, encostados um ao outro. Ex.: *subgero* > *suggero*, *ipse* > *isse* > *esse*.

h) Não contígua: quando os fonemas assimilador e assimilado estão distantes um do outro. Ex.: *novacula* > *novacla* > *navalha*, *resecare* > *rasgar*.

Nos grupos consonantais “bc, bg, bf, bp, dc, dg, dl, dn, ds, dp, ts, pf, nl, nr, rl” quase sempre a primeira consoante sofre assimilação total, constituindo-se tal fato em, por assim dizer, uma regra ou lei fonética. Por exemplo, no latim: *subcurro* > *succurro*, *subgero* > *suggero*, *obfero* > *offerro*, *subpono* > *suppono*, *adcurro* > *accurro*.

No sistema sincrônico da língua portuguesa, especialmente do Brasil, podem-se observar exemplos de assimilação nas linguagens populares: *silêncio* > *selêncio*, *seja* > *seje*, *esteja* > *teje*, *diretora* > *deretora*, *primeiro* > *primero* > *premero*, *direito* > *dereito*, *pedido* > *pidido*, *vive* > *veve*, *resiste* > *reseste*, *ribeira* > *ribera* > *rebera*, *piedade* > *piadade*, *semear* > *semeá* > *samiá*, *problema* > *probrema*.

De acordo com Bagno (2000), há um processo de assimilação na troca do “nd” por “n”, especialmente no gerúndio: *andando* > *andano*, *falando* > *falano*, *comendo* > *comeno*, *fazendo* > *fazeno*, *vendo* > *veno*, *cantando* > *cantano*. Os dentais “n” e “d”, pelo fato de serem pronunciados na mesma zona de articulação, tornam-se iguais ou semelhantes, apesar de serem sons diferentes. *Andando* > *andanno* > *andano*: o primeiro é uma assimilação em que o “d” se transforma em “n” (nd > nn) e o segundo é uma simplificação (nn > n).

Outra assimilação acontece com “m” e “b”, bilabiais, que se pronunciam na mesma zona de articulação. É o caso de: *também* > *tamém*, onde se verifica a passagem mb>mm>m, e *bocado* > *mucado*, por contaminação das duas consoantes sonoras.

A assimilação é um dos processos de transformação fonética mais produtivos da língua portuguesa, tanto no passado quanto no presente.

A própria monotongação, que é um processo de redução de ditongos, enquadra-se historicamente na assimilação (vocálica, parcial, regressiva, contígua), onde dois sons se transformam em um só: **ou** > **o** – *saudade* > *sodade*. A partir do latim vulgar, conforme foi visto anteriormente, tal processo é muito freqüente: *paucio* > *pouco* > *poco*, *lauro* > *louro* > *loro*, *raupa* > *roupa* > *ropa*. Na verdade, o que acontece é uma acomodação, provocada pela tendência ao menor esforço. Sendo o “a” muito aberto e o “u” muito fechado (veja-se o triângulo das vogais), para pronunciar “au” a boca tem de realizar um movimento muito grande, com abertura total para pronunciar o “a” e, em seguida, com fechamento total para pronunciar o “u”. Acontece então a assimilação do “u” atraindo o “a” para perto de si. Trata-se de uma assimilação parcial. Essa é também uma causa do surgimento em português do ditongo “ou”.

O mesmo acontece, diz Bagno (2000), com a monotongação **ei** > **e**, em que o **ei** se transforma em **e**, especialmente, no português popular brasileiro, diante de **j** e **x**: *beijo* > *bejo*, *deixa* > *dexa*, *peixe* > *pexe*, *queijo* > *quejo*, *primeiro* > *primero*, *queixo* > *quexo*, *baixo* > *baxo*, *caixa* > *caxa*, *faixa* > *faxa*, *feira* > *fera*, *queira* > *quera*. Essa assimilação se explicaria pelo fato de a semivogal palatal /y/ do ditongo **ei** assimilar-se às consoantes **j**, **x**, reunindo-as em único som. Na verdade tratar-se-ia não de uma redução de “ei” para “e”, mas de uma redução de “ij” e “ix” para “j” e “x”.

Outro fenômeno de assimilação acontece com a harmonização vocálica, quando as vogais altas “i” e “u”, em sílaba tônica, fazem com que as vogais átonas pretônicas “e” e “o” se elevem ou reduzam a “i” e “u”, formando um grupo harmônico com um único som: *pepino* > *pipino*, *fedido* > *fidido*, *menino* > *minino*, *pedido* > *pidido*. Em João de Barros encontra-se: *bibiam*, *mistiço*, *mininos*, *pirigos*.

Ainda na perspectiva sincrônica, o processo de assimilação é responsável por grande número de alterações fônicas, sendo as mais comuns de: vozeamento/desvozeamento; nasalidade; palatalização; harmonização; metafoia.

O processo de assimilação de vozeamento/desvozeamento caracteriza-se pelo fato de um segmento adquirir a propriedade de vozeamento ou desvozeamento de segmentos que lhe são próximos.

A propriedade de vozeamento é compartilhada pelos dois segmentos próximos envolvidos no processo. Veja-se o vozeamento do *s* em final de sílaba, quando seguido de consoante vozeada: *rasga* [rãzga]. Observa-se que ocorre o vozeamento do *s* no final da sílaba por este estar adjacente ao segmento vozeado [g]. O *s* nessa posição pode ocorrer como [z] ou [ʃ], como marca de variação dialetal; portanto, o emprego é dependente do dialeto. Nota-se que ambas são vozeadas. Outros exemplos: *esmola, pasma, desde, asma, asno, mesmo, esguichar, esmalte, esvaziada, israel, parlamentarismo, lesma*.

A propriedade de desvozeamento estende-se ao segmento próximo do processo. Observe-se o *s* em final de sílaba, seguido de consoante desvozeada: *risco* [risko]. Outros exemplos: *espanar, casca, tempestade, peste, castigo, festa, gasto, pasto, escada, semestre, máscara, teste*. Também, dependendo do dialeto, o *s* em final de sílaba, seguido de consoante desvozeada, pode ser representado foneticamente como [s] ou [ʃ]. O *s* ou *z* ortográficos, em final de palavra, são representados por [s] ou [ʃ] dependendo do dialeto. Exemplos: *Paz* [pas] ou [paʃ] (carioca). *Más* [mas] ou [maʃ] (carioca). Entretanto, nas fronteiras de palavras, podem sofrer assimilação de vozeamento, se o próximo segmento for vozeado. Exemplo: *Uns* (isolado [us] ou [uʃ]). *Uns homens* (na cadeia da fala) [ũz omeIs] ou [ũ omeIs]

Ainda pode ocorrer assimilação de vozeamento ou desvozeamento pelo *r* ortográfico em final de sílaba, sendo representado foneticamente por [ʀ, ʁ] = vozeados e [X, h] = desvozeados. A variação desses *erres* não é audível e representa, respectivamente, o dialeto carioca e mineiro. Assim, tem-se as seguintes representações para os sons de *r* desses dialetos:

Dialeto: [x] desvozeado, ocorre em final de sílaba antes de consoante desvozeada: *parto* [paxto].

Dialeto carioca: [ʀ] vozeado, ocorre em final de sílaba antes de consoante vozeada: *arma* [aʀma].

Dialeto: [h] desvozeado, ocorre em final de sílaba, antes de consoante desvozeada: *parto* [pahto].

Dialeto mineiro: [ʁ] vozeado - ocorre em final de sílaba antes de consoante vozeada: *arma* [aʁma].

A partir do exposto pode-se tirar as seguintes conclusões: a) Tem-se como ambientes ou contextos propícios para o tipo de assimilação discutido as fronteiras de sílabas, palavras e ou sentenças; b) Todos os casos foram resultados de uma adaptação antecipada do sistema articulatorio para a pronúncia do som que segue.

A assimilação de nasalidade ocorre quando os sons nasais são resultantes do abaixamento do véu palatino, havendo, portanto, uma penetração do ar na cavidade nasal, o que provoca ressonância. A nasalidade é definida como o processo que ocorre quando uma vogal tipicamente oral é seguida por uma consoante nasal: [m.n.nh]. Assim ocorre o processo de nasalidade, sendo que a não articulação da vogal de forma nasalizada marca a variação dialetal e não causa diferença de significado. Exemplos que ilustram casos de nasalidade: c[a]ma ou c[ã]ma, c[a]misa ou c[ã]misa, b[a]nho ou b[ã]nho, p[a]nela ou p[ã]nela. Nota-se, pois, que o processo de assimilação de nasalidade ocorre de forma opcional e marca a variação dialetal.

Outro processo que se enquadra na assimilação é a palatalização. Consiste a palatalização no levantamento da língua em direção ao palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior do que normalmente ocorre quando se articula um segmento consonantal. Geralmente ocorre quando uma consoante é seguida de vogais anteriores, a saber: i, e, é (orais e nasais). As oclusivas alveolares [t] e [d] podem sofrer o processo de palatalização, manifestando-se como africadas alveopalatais [tʃ] e [dʃ], quando seguidas da vogal “i” (oral ou nasal). Esse processo ocorre em certos dialetos do português brasileiro, principalmente na região sudeste, tendo como pronúncias [tʃítia] e [dʃizia]. Os dialetos que não apresentam a palatalização das oclusivas alveolares têm como pronúncias [titia] e [dizia].

Ainda, pode ocorrer palatalização do “s” ortográfico que ocorre em posição final de sílaba seguido de uma das africadas [tʃ, dʃ], como, por exemplo, em “mestiço” [meʃtʃiso] e desde [deʃdʃi]. Tem-se, portanto, uma seqüência de fricativa alveopalatal + africada alveopalatal [ʃtʃ] e [dʃ]. Observa-se que esse processo ocorre em final de sílaba e é uma variação dialetal, não sendo, então, uniforme em todos os dialetos brasileiros.

O processo de harmonização também se enquadra na assimilação. A harmonização consiste na adaptação de uma vogal ao timbre de outra. Tal adaptação (assimilação harmônica) pode chegar à identificação de um som ao outro. Os órgãos articulatórios se acomodam com antecedência, total ou parcialmente, ao abrimento da vogal tônica que segue. Exemplos: mininu, filiz, furmiga, costume, pirigo, curuja, sirviçu etc.

E, por último, a metafonia é a mudança de timbre da tônica por influência da vogal átona final é>ê>i e ó>o>u. Quer dizer que sobre a influência de uma vogal final fechada (i, u) a vogal radical se fecha (diminui a abertura). Exemplos: formosos, compostos, corpos. A norma culta rejeita o fechamento das vogais tônicas, entretanto é comum esse procedimento na linguagem popular.

A partir das evidências diacrônicas e das amostras verificadas no PNP (português não-padrão) do Brasil, pode-se concluir que os processos assimilatórios exerceram um papel da maior importância na transformação da língua portuguesa e na existência das numerosas variedades atuais, tanto em nível dialetal quanto socioletal.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

IORDAN, Iorgu. *Introdução à lingüística românica*. Lisboa: Gulbenkian, 1982.

Bibliografia Complementar

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 1991.

CALLOU, D.; LEYTE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio: Zahar, 1990.

ELIA, Silvio. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística românica*. 2. ed. Lisboa: Kalouste Gulbenkian, 1963.

ROBINS, R. H. *Lingüística geral*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1977.

SILVA, M. B. *Fonologia, ortografia e alfabetização*. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Thais Cristófaru. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2003.